O LUGAR DA TEORIA DA LEITURA EM AULAS DE PORTUGUÊS PARA HISPANOFALANTES

Cândida Martins Pinto

RESUMO[©]

O objetivo deste artigo é apresentar aspectos práticos do funcionamento da teoria da leitura por meio de um *design* de aula de português para hispanofalantes. Para tanto, será mostrado um processo de construção de uma unidade de ensino de leitura a partir de um exemplo de aula sobre o gênero textual reportagem. Dessa forma, a apresentação será embasada nos fundamentos de Aebersold e Field (1997), que discutem a teoria da leitura a partir de três momentos: fase de pré-leitura, de leitura propriamente dita e fase de pós-leitura. Também as estratégias de leitura *bottom-up* e *top-down* serão discutidas, já que constituem parte fundamental nas aulas de Português como Língua Estrangeira. Por fim, será feita uma explanação sobre a relação entre gênero discursivo e cultura, como também o interculturalismo defendido por Fleuri (2000).

PALAVRAS-CHAVE: aulas de português, leitura, hispanofalantes.

INTRODUÇÃO

O curso, no formato matricial de português para hispanofalantes, realizado no laboratório PLE/UFSM, tem por principal objetivo o ensino de leitura, numa perspectiva intercultural. Dessa forma, em cada aula, diferentes gêneros textuais são trabalhados. Em uma aula já ministrada no laboratório, trabalhamos com o gênero textual reportagem, que é um texto da mídia jornalística voltado ao objetivo de opinar sobre uma determinada questão, visto que colhe fatos e os apresenta sobre um viés opinativo.

Dessa forma, a reportagem escolhida para a aula de português para hispanofalantes intitulada *Prato de comida segue a lógica do bolso* tem por objetivo comentar e apresentar juízo de valor sobre os padrões alimentares do brasileiro. Essa reportagem mostra que o principal critério na hora em que são comprados os alimentos é o dinheiro na mão e que a orientação nutricional é descartada.

Para trabalharmos com os gêneros, utilizamos um formato de curso que consiste em trabalhar com três fases da leitura: pré-leitura, leitura e pós-leitura (Aebersold e Field, 1997).

1 Fases da leitura

1.1 Fase de pré-leitura

Segundo Aebersold e Field (1997:65), a fase de pré-leitura é aquela realizada antes da leitura do texto propriamente dita, na qual são feitas algumas questões para ativar o conhecimento prévio e o input do aluno para que ele lembre de informações sobre o tópico do texto, a fim de fazer uma predição sobre o mesmo. Inclusive, essas atividades ajudam o leitor a se familiarizar com o conteúdo e o vocabulário básico do texto.

Dessa maneira, há três grandes razões para preparar os alunos a ler: 1) estabelecer um propósito para leitura de um dado texto; 2) ativar o conhecimento existente sobre o tópico e 3) estabelecer expectativas realistas sobre o que o texto contém para o aluno ler de uma forma mais efetiva. Uma introdução do conteúdo do texto ajuda os alunos a lembrarem qualquer informação que eles devem já saber sobre o tópico, seja por experiência pessoal ou outras leituras. Se os alunos mantêm esse conhecimento em mente quando estão lendo, eles aumentam suas oportunidades de fazer sentido nas informações do texto.

Outro fato importante dessas atividades de pré-leitura é que, deixar o aluno pensar sobre o tópico aumenta seu interesse sobre o mesmo e, conseqüentemente, motivá-lo para a leitura.

Na aula, já ministrada no laboratório PLE, as atividades de pré-leitura consistiam em ativar esse conhecimento que o aluno já possuía sobre o tópico Alimentação do Brasileiro. Então, foram feitas perguntas como:

- 1) Que tipo de alimentos você mais consome aqui no Brasil?
- 2) Você saberia dizer qual é o principal prato de comida do brasileiro?
- 3) Na sua opinião, qual é o critério mais importante na hora de comprar alimentos:

componentes nutricionais, tabela de gordura ou dinheiro necessário para a compra?

Da mesma forma, podem ser feitas atividades sobre o título do texto, o autor, a fonte, as fotos, os gráficos, as tabelas, os tipos, tamanhos e cores das letras. Essas atividades ajudarão o aluno a estabelecer expectativas sobre o conteúdo do texto como também prevê-lo. Na aula, foram feitas questões, como, por exemplo:

1) Observe o título do texto: "Prato de comida segue a lógica do bolso". Você saberia dizer qual é esse prato? E o que ele tem a ver como bolso?

Atividades de pré-leitura constituem uma base primordial para o aprendiz de segunda língua. E o professor ainda poderá realizar outras atividades de acordo com as seguintes estratégias de leitura: *skimming*: estratégia que consiste em uma rápida e superficial lida no texto pra entender as idéias principais; *scanning*: consiste em uma rápida olhada para o texto a fim de encontrar uma informação específica.

1.2 Fase de leitura

A fase de leitura consiste na leitura do texto propriamente dita e a confirmação das hipóteses sobre o assunto que o aluno fez na fase de pré. É nessa segunda fase que ele constrói seu próprio entendimento do texto, checando com o que já sabe sobre o tópico. Assim, o aluno discutirá com o professor o vocabulário não compreendido, o assunto do texto, a opinião do autor e outras características específicas de cada gênero. Também podem ser feitas atividades de inferências sobre o que o autor quis dizer com tal sentença, etc.

É nessa fase também que o aluno poderá responder questões já planejadas sobre algum aspecto gramatical que esteja faltando, sobre a idéia principal de cada parágrafo, entre outras. O exemplo a seguir foi uma atividade realizada em sala de aula:

1) Conforme o primeiro parágrafo do texto, qual é a idéia que está sendo envolvida? Tente assinalar a resposta correta:

() O brasileiro e o catarinense, além de prestarem atenção na renda familiar, gostam de comprar alimentos com alto teor nutricional.

() Estatísticas feitas pelo IBGE mostram que os nutrientes necessário para uma boa alimentação é preocupação de todos os brasileiros.

() O brasileiro e o catarinense seguem somente a um padrão de alimentação que se adequa ao bolso.

() O IBGE divulgou recentemente pesquisas que estimulam os gaúchos a seguirem uma dieta balanceada por nutricionistas.

Leitores usam estratégias de leitura para compreender um texto. As estratégias mais usadas são *top-down* (Godmann) e *bottom-up* (Gough).

1.2.1 Estratégia de leitura *bottom-up*

A estratégia de leitura *bottom-up* assume que leitores constroem o significado de um texto, a partir de uma seqüência linear, das letras para palavras para frases para sentenças para parágrafos, ou seja, das partes para um todo. De acordo com Gough (1985:663), "o leitor passa por um processo no qual o sistema visual varre uma série de letras uma a uma", ou seja, decodifica-as. Dessa forma, o leitor entenderá o sentido global do texto partindo do entendimento das pequenas unidades. É uma estratégia de leitura, como o nome já sugere, da base do texto para o geral, para o todo.

1.2.2 Estratégia de leitura *top-down*

A estratégia de leitura *top-down* é focalizada no que o leitor traz para o processo de leitura. Segundo Goodman (1988:16), o leitor contrasta as informações do texto com seu próprio conhecimento, ajudando a fazer sentido com o que está escrito. No processo *top-down*, o leitor: 1) reconhece o que está escrito; 2) faz predições sobre o que a palavra pode significar; 3) lê para confirmar as hipóteses; 4) corrige quando há imprecisões de significados e 5) assimila novos conhecimentos.

1.3 Fase de pós-leitura

A fase de pós-leitura tem por objetivo revisar as informações novas contidas no texto, fazer um levantamento dos tópicos mais importantes, discutir sobre outros assuntos que o texto leva a comentar, entre outros. Há várias razões para os professores fazerem atividades de pós-leitura: avaliar a compreensão dos alunos sobre o texto, continuar a construir a compreensão deles sobre o texto, saber a opinião dos mesmos sobre o assunto e trabalhar o interculturalismo (Fleuri, 2000).

Com o advento da globalização, as relações sociais entre pessoas e grupos diferentes entram em contato direto. A cultura e a ideologia de cada grupo é ressaltada de forma que todos conheçam a cultura dos outros, porém preservando a sua identidade. Surge, então, o termo interculturalismo.

De acordo com Fleuri (2000, p.3):

a perspectiva intercultural propões novas estratégias de relação e de interação entre sujeitos e entre grupos diferentes. Busca promover a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças culturais. Mas, ao mesmo tempo, procura sustentar a relação crítica e solidária entre elas.

Nas aulas de PLE, o interculturalismo é trabalhado e defendido. O aluno hispanofalante tem a oportunidade de interagir com colegas e professores e mostrar sua própria cultura e identidade, ao mesmo tempo em que ficará conhecendo a cultura e a identidade do outro. Essa relação intercultural promove a troca de informações e de conhecimentos, respeitando as diferenças e defendendo as identidades.

Para o aprendizado do aluno hispanofalante, essa troca intercultural promove uma série de discussões que resultará em um aprendizado mais complexo, ou seja, o aluno estrangeiro, além de aprender a língua do país em que está inserido, saberá como é a cultura dos nativos. Portanto, uma abordagem intercultural nas aulas de português para estrangeiros propicia uma troca de conhecimentos entre aluno e professor, pois o aluno falará sobre a sua cultura, ou seja, a cultura do seu país e aprenderá sobre a cultura do país da língua alvo.

Nas atividades de pós-leitura da aula com a reportagem, foram trabalhados padrões, tabus e costumes alimentares do brasileiro, como exemplificados nos exemplos abaixo:

1) Como você se sente ao escolher os alimentos em um buffet brasileiro?

2) Como você se sente ao almoçar ao lado de um brasileiro?

3) Existe alguma comida aqui no Brasil que você não conseguiu ainda comer devido à falta de adaptação ao seu paladar?

4) Você conhece algum brasileiro, que mora no seu país, que tem alguma desadaptação alimentar?

5) Há algum tabu em relação à alimentação no seu país?

CONCLUSÃO

As teorias da leitura fazem parte de um estudo para trabalhar interativamente o Português. Atividades de pré-leitura, de leitura propriamente dita e pós-leitura englobam uma unidade de curso com o objetivo de aproximar o aluno com o contexto em que ele está inserido, ativar seu conhecimento de mundo, aumentar seu conhecimento da língua, ensinar estratégias que ajudarão o aluno a ler um texto, entre outras.

Nessa perspectiva, o ensino de leitura em português para hispanofalantes deve ser encarado como uma prática interacional. O interculturalismo promove essa prática devido ao fato de que a troca de informações entre aluno e professor é defendida. A interação entre eles em um ensino intercultural resulta em uma troca mútua de aspectos culturais e ideológicos. Dessa forma, a leitura intercultural proporciona ao aluno hispanofalante uma visão geral do país em que está inserido, da mesma forma que ele mostra, na sala de aula, a sua cultura. Assim, busca-se a construção de identidades particulares e o respeito por outras identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AEBERSOLD, J.A.; FIELD, M.L. **From reader to reading teacher**. USA: Cambridge University Press, 1997.

FLEURI, R. M. **Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos**. In: **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa** (encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.67-81

GOODMAN, K. The reading process. In: CARRELL, P.L.; DEVINE, J.; ESKEY, D.E. (eds). **Interactive approaches to second language reading**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

GOUGH, P.B. One second of Reading. In: SINGER, H.; RUDELL, R. **Theoretical models and process of reading**. 3ed. Newark, International Reading Association, 1985.

NOTA

© Trabalho realizado pela aluna do 8º semestre do curso de Letras Licenciatura Plena Inglês – Português e participante do projeto Rumo a uma concepção holística de ensino de leitura em PLE, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Gustavo Richter.

ANEXO

PRATO DE COMIDA SEGUE A LÓGICA DO BOLSO

Dinheiro na mão é o principal critério na hora em que são comprados os alimentos.
Orientação nutricional é descartada

Jeferson Ribeiro e Aline Parodi

Brasília/ Joinville - O padrão de alimentação do brasileiro e do catarinense não obedece nenhuma orientação nutricional. Quem manda no cardápio é a renda da família. Os nutrientes necessários para uma alimentação saudável não são parâmetro. É o que mostra a Pesquisa de Orçamentos Familiares - Aquisição Alimentar Domiciliar per Capita, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Olhando para os números das famílias sulistas, percebe-se que quanto menor a renda, mais se consomem cereais e leguminosas (feijão e arroz, basicamente). Quando a renda familiar é de, no máximo, R\$ 400,00 o consumo desses ingredientes passa dos 51 quilos por ano. Se a família tem renda superior a R\$ 3.000,00, o arroz e o feijão, principalmente, têm o consumo reduzido e ficam em aproximadamente 30 quilos por ano. O pão é outro exemplo. Enquanto os mais pobres consomem, em média, 8 quilos de pães, por ano, os mais ricos chegam a comer mais de 21 quilos no mesmo período.

A falta de dinheiro se mostra também na diversificação do prato. Enquanto os mais pobres conseguem pôr, no máximo, 27 quilos de hortaliças (popularmente conhecidas como verduras) no prato, os mais ricos esse tipo de alimento em abundância, mais de 46 quilos por ano.

Quando a pesquisa contabiliza o consumo de doces a diferença é mais maldosa ainda. As famílias com renda até R\$ 400,00 consomem, em média, 200 gramas de bolo num ano. As que ganham mais de R\$ 3 mil comem dez vezes mais bolos, cerca de 2,3 quilos anuais.

Vida amarga de quem ganha pouco. Come-se a metade de carne que os mais bem remunerados comem. Numa análise superficial, dá para dizer até que as festas de aniversário com bolo e churrasco são raríssimos entre os mais pobres, para não dizer inexistentes. A carne mais consumida pelas famílias de baixa renda no Sul do País é moída e de segunda.

Peixe, só na semana santa. Os mais pobres do Sul, não conseguem consumir mais do que 500 gramas de pescado num ano inteiro. Já os mais ricos comem, em média, 2,6 quilos por ano. E o maior consumo é de pescados de água salgada, normalmente mais caro.

SUSTO

A dieta média diária do catarinense (veja gráfico acima) causou um susto à nutricionista Juraci Teresinha Verdi, de Joinville. "O catarinense está comendo muito e errado." Segundo o levantamento do IBGE, cada catarinense consome, em média, 1.076 gramas de alimentos e bebidas por dia, dos quais 20,53% são laticínios.

"O leite de vaca, assim como o glúten, são um dos maiores causadores de alergias. O grande aumento de casos de intolerância ao leite de vaca e alergias aos laticínios é em virtude das pessoas estarem consumindo mais do que o corpo necessita", diz a nutricionista. Ela também aconselha trocar as aves e ovos (que na pesquisa correspondem a 4,10%) por peixes. "O consumo de pescados é muito baixo (0,63%)", avaliou.

PESQUISA DESMONTA MITOS CATARINENSES

A pesquisa desmitifica alguns hábitos alimentares catarinenses. O imaginário comum dá conta de que os maiores tomadores de cerveja estão em Santa Catarina, onde a colônia alemã é grande. Engano. O catarinense toma, em média, quatro litros de cerveja por ano, o gaúcho quase dez litros e o paranaense mais de cinco litros. Santa Catarina é o maior produtor de carne suína do País, mas os

catarinenses não são os maiores consumidores. Cada pessoa consome, em média, 6,9 quilos de carne de porco por ano. Os gaúchos consomem mais.

A família catarinense prefere um prato com mais legumes e hortaliças do que a paranaense e a gaúcha., mas se come menos frutas do que a média do Sul em Santa Catarina. Os consumidores do Estado também não são muito ávidos por produtos panificados e de pães. Enquanto os gaúchos chegam a consumir mais de 18 quilos de pão por ano, os catarinenses comem apenas 13,9 quilos.

As famílias catarinenses não são as mais vorazes quando o assunto é massa. No Rio Grande do Sul, come-se 18% mais massas do que em Santa Catarina. Os paranaenses também comem mais pratos da cozinha italiana (14%).

Em compensação, quando o assunto é pescado, Santa Catarina faz jus à extensão do litoral. A família catarinense consome, em média, um quilo a mais de pescados do que as outras famílias dos Estados do Sul. E os de água salgada tem participação principal no cardápio.

Frango o ovo também são preferência dos catarinenses. A cada ano, as famílias do Estado consomem cerca de 32 quilos desses produtos, muito acima do consumo no Rio Grande do Sul e no Paraná. Assim também é com o leite e com os produtos lácteos em geral.

Quem mora em Santa Catarina, come mais carne de segunda também. Cerca de 73% em relação aos cortes de primeira. A costela bovina é preferida dos catarinenses, nas classes de carne de segunda. (Jeferson Ribeiro, especial para A Notícia)

CATARINENSE COME MUITO E ERRADO

Joinville - O catarinense está comendo muito e errado. Esta é a conclusão da nutricionista Juraci Teresinha Verdi ao analisar os dados da pesquisa de orçamento familiar, divulgada pelo IBGE. "Avaliando os grupos alimentares, notamos que eles estão desequilibrado e desordenados. As pessoas estão comendo errado nos grupos e comendo alimentos com baixa qualidade nutricional", diz.

Segundo ela, as pessoas estão se envenenando pela boca. "Estamos comendo alimentos contaminados com agrotóxicos, metais pesados, bactérias, aditivos alimentares e gerando a fome oculta, que é a falta de um ou mais nutrientes na dieta."

De acordo com a pesquisa, o catarinense come em média 392, 80 quilos por ano. "Isso significa que ele comem em média um quilo por dia. É um valor muito alto, principalmente porque grande parte desse peso deve ser carboidratos, que devem ser substituídos por frutas e verduras", avalia a nutricionista. A pesquisa também aponta que a região Sul do país consome menos cereais e leguminosas, mas em compensação lidera o consumo por hortaliças e frutas. O homem está mais acima do peso do que a mulher. Na região 57,3% da população masculina está com excesso de peso, contra 54,5% das mulheres.

A nutricionista ensina que a refeição ideal deve conter de três a quatro tipos de saladas verdes e um ou dois cozinhas, de preferência temperadas com óleo de gergelim, azeite de oliva extra-virgem. Leguminosas como o feijão ou grão-de-bico, cereais (dê preferência aos integrais), carnes magras, principalmente peixes, pouco carboidratos (arroz ou macarrão) e na hora da sobremesa escolher frutas ou salada de frutas.

O ideal é fazer entre cinco ou seis refeições por dia (café da manhã, lanche, almoço, lanche, janta e ceia). As frituras e gorduras de origem animal devem ser abolidas do prato do brasileiro. "É preciso lembrar que o total de calorias diárias é muito individual e vai depender do tipo de atividade física que a pessoa faz, idade e sexo. Aquela história de 2.500 calorias por dia está sendo contestada." (AP)

Fonte: <http://an.uol.com.br/2004/dez/17/0pai.htm>